

Entrevista

## Maria Izabel Calil Stamato, doutora em Psicologia Social e coordenadora do curso de

Psicologia da UniSantos

# “Os pais precisam entender a diferença entre limite e repressão”

MAURICIO MARTINS  
DA REDAÇÃO

*As últimas duas décadas trouxeram mudanças profundas no convívio em sociedade e transformaram as relações entre pais e filhos. A repressão perdeu força e as palmadas corretivas ocupam cada vez menos espaço na educação de crianças e adolescentes. Porém, é papel dos pais saber impor limites aos filhos, desde que muito bem justificados, especialmente para uma geração que aprendeu a importância de questionar. Na entrevista a seguir, a psicóloga Maria Izabel Calil Stamato, doutora em Psicologia Social e coordenadora do curso de Psicologia da UniSantos, explica algumas situações comuns no dia a dia e as mudanças que ocorrem ao longo dos anos. Porém, a especialista de 63 anos, que já atua há quatro décadas na área, dá um recado: “Não há fórmula pronta e cada criança e adolescente reage de uma maneira diferente aos fatos”.*

**As crianças e os adolescentes ficaram muito mais questionadores nos últimos anos e até impõem certo limite na autoridade dos pais sobre eles. Por que isso aconteceu?**

A questão legalmente trazida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, de 1990) coloca crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. Parece que é um termo legal, que passa despercebido, mas quando eu caracterizo a criança e o adolescente como sujeito, eu abro a possibilidade desse questionamento, de que eles sejam protagonistas. É a possibilidade de ter uma atuação mais ativa na sua própria vida, o que vai depender de não aceitar mais as coisas exatamente como vinham antes. A legislação veio nessa trajetória e acompanhando uma mudança social também. Hoje, a forma como a família educa mudou muito.

**Como foi essa mudança e como lidar com ela?**

Mudaram-se os parâmetros, teve um momento em que eu acho que ficou muito sem limites. As pessoas não sabem colocar limites. Antes também não sabiam, mas faziam isso através da repressão. Só de o pai olhar, a criança já obedecia, porque sabia que, caso contrário, ficaria de castigo ou apanharia. Mas, na verdade, fazemos uma confusão muito grande entre limite e repressão. O limite é a organização. Quando dizemos para a criança que uma coisa não pode, não estamos reprimindo. Tem um sentido para não poder e nós, como adultos, temos que explicar para a criança. Ela quer refletir, quer entender, é necessário um sentido para não poder. Não dá para falar que não pode porque você não quer. Não é para a criança mexer no celular porque vai quebrar, desconfigurar. Não pode ir em tal lugar porque ainda não tem idade. Eles vão reagir, todo mundo reage ao limite, mas é preciso clareza e não pode voltar atrás porque ele está chorando ou está bravo. A vida é assim.

**Muitos pais superprotegem os filhos e acham que tudo pode traumatizá-los. Qual a sua avaliação?**



ALBERTO MARQUES

“Os valores que são transmitidos na vida em sociedade não são muitas vezes os que a família transmite, de honestidade, de trabalho. O adolescente vê essa corrupção e se pergunta quem tem sucesso, quem dá certo. É o honesto ou aquele que só pensa em seu próprio interesse?”

A psicologia, infelizmente, contribuiu um pouco para isso. Você não coloca trauma na criança porque impõe limite. Agora, ela ultrapassou o limite, você não explicou para ela, e depois vai lá e bate, agride, aí você cria um trauma. Mas o trauma é por conta da força em cima da criança. Então, em primeiro lugar, o adulto precisa entender a diferença entre limite e repressão. Muitos pais não conseguem lidar muito com isso porque (quando eram crianças) não tiveram limite, tiveram repressão. Aprenderam nessa linha e isso é interiorizado, demora para mudar.

**Até que ponto a vida mais atribulada dos pais, que têm menos tempo para ficar com os filhos por causa do trabalho, consegue impactar na educação dos filhos?**

Temos hoje uma sociedade muito diferente, inclusive com valores diferenciados daquele que eu recebi. A criança cresce nesse contexto, onde são criados, por exemplo, desejos de consumo. Ela tem esse desejo e não podemos dizer que a culpa

é do pai, da mãe ou da televisão. É tudo. A garantia da sobrevivência hoje é muito mais difícil, impulsionou a mulher para fora de casa, para trabalhar. Tem uma parte que é a realização profissional, mas tem a econômica. Antes se sobrevivia com muito menos dinheiro, hoje para atender as necessidades das crianças é muito caro. E os pais querem dar para os filhos aquilo que eles não tiveram. Então vão trabalhar mais e com isso se distanciam da criança. Temos muitos paradoxos hoje.

**Nesse cenário, como ficam as cabeças das crianças e dos adolescentes?**

Os valores que são transmitidos na vida em sociedade não são muitas vezes os que a família transmite, de honestidade, de trabalho. O adolescente vê essa corrupção e se pergunta quem tem sucesso, quem dá certo. É o honesto ou aquele que só pensa em seu próprio interesse? Cria uma confusão muito grande na cabeça do jovem. Ele quer coisas, sabe que não vai conseguir tudo e

refletir. Muitas vezes chegam e brigam. É preciso conversar com ele, para que ele possa refletir internamente o que está acontecendo.

**Os pais empurraram um pouco essa responsabilidade para a escola?**

Eu acho, mas a escola também não está preparada para isso. A escola, de um modo geral, não reflete. Eu estava participando de um grupo que discutia a violência nas escolas, a medicalização das crianças dentro delas, e o quanto é importante começar a desenvolver estratégias que quebrem esses processos. Não adianta medicar a criança ou judicializar o adolescente que comete violência sem entender o que nesse espaço está criando esses transtornos de comportamentos. É um tal de diagnosticar a criança. Se ela é agressiva, é porque tem transtorno de comportamento, se é desatenta, medica com Ritalina. Agora, pense bem o mundo em que vivemos. Quanto tempo você fica no computador esperando um site abrir? Se demora, você já fica irritado. O computador desenvolve o pensamento, que hoje é muito mais rápido. E a escola continua querendo que a criança pense naquele ritmo (mais lento).

**Impor limites para o adolescente parece mais difícil quando ele começa a participar de grupos e sofre influência desses amigos no seu comportamento. Como trabalhar com isso, incluindo a questão do álcool e outras drogas?**

A droga, o álcool são questões da sociedade. De um modo geral, o álcool é estimulado e é uma droga. E faz parte da adolescência a experimentação. Se um adolescente bebe e até entram em coma um dia, é preciso conversar, entender um pouco o que está acontecendo. A droga hoje está presente em qualquer lugar. Temos que rever o que estamos oferecendo para a juventude. E não se pode culpar as famílias, porque elas se sentem culpadas. Às vezes, quando o adolescente está em grupo, os amigos exigem que ele beba, para ele ser aceito. Ele fez, e agora? Os pais não podem tomar isso como o fim da vida dele, mas como uma intercorrência. E ajudá-lo a entender que aquilo vai fazer mal para a vida dele.

**Mas como os pais podem fazer isso?**

Às vezes é preciso buscar ajuda, não necessariamente um psicólogo. Acho que deveria ter escolas de pais, para discutir estratégias que eles podem ter. Porque não há um modelo a seguir. Muitas vezes, com um filho dá certo e com o outro nada dá certo. É preciso reflexão. O adolescente tem capacidade para refletir, mas não faz isso sozinho. É a nossa sociedade acha que ele cresceu e já pode lidar com as emoções, mas não sabe. Ele pode beber porque está deprimido. Precisa aprender a lidar com a tristeza, com a raiva, sentimentos muito fortes na adolescência.

**Por que grande parte dos adolescentes toma atitudes de risco, como fazer sexo sem proteção? Como explicar esse comportamento diante de tanta informação?**

Uma coisa é a informação, a outra é que sentido pessoal, subjetivo, esse adolescente dá para essa situação. Porque a informação é externa, mas cada um lê de uma forma. E o adolescente tem uma característica que é a onipotência, com ele nunca vai acontecer. Ele vive nesse mundo. E a aids banalizou. (para eles) virou uma doença crônica, vai lá faz exame e toma o medicamento. A educação sexual trabalha muito em cima da doença, mas não da saúde sexual. E o sexo não é só sexo, é afeto. Mas hoje é desvinculado. É mais fácil os adolescentes transarem do que namorarem. Porque o namoro implica entrega, numa troca, e eles não sabem fazer isso.

**Mas hoje é mais fácil falar de sexo com os filhos?**

Depende. Precisa ver como os pais lidam com a sexualidade deles. Se os pais não tiverem a sexualidade resolvida, eles têm dificuldades para conversar com os filhos. E não são só os mais velhos, muitos pais novos têm essa dificuldade. Ter sexualidade resolvida é conseguir conversar sobre isso e entender que tem coisas que o adolescente não vai abrir para você.